



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Análise dos discursos das elites políticas da Renamo e Frelimo nas campanhas eleitorais para às eleições gerais de 1994, 1999 e 2004 em Moçambique.

CANDIDATA: Sheila Lídia Arsénio Matavele

SUPERVISOR: Dr. Hélder Jauana

Dissertação apresentada no curso de Sociologia como requisito essencial para cumprimento do grau de Licenciatura em Sociologia

Análise dos discursos das elites políticas da Renamo e Frelimo nas campanhas eleitorais para às eleições gerais de 1994, 1999 e 2004 em Moçambique

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Sociologia

**Sheila Lídia Arsénio Matavele**  
**Departamento de Sociologia**  
**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**  
**Universidade Eduardo Mondlane**

Supervisão:  
Dr. Hélder Jauana

Maputo, 19 de Novembro de 2010

O Júri

Supervisor

Presidente

Oponente

---

Dr. Hélder Jauana

---

Dr. Neto Sequeira

---

Dr. Obede Baloi

Maputo aos 19, de Novembro de 2010

## **Declaração de Honra**

Eu, Sheila Lídia Arsénio Matavele, declaro que este projecto de investigação nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau académico e que este constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas as fontes por mim utilizadas.

---

Sheila Lídia Arsénio Matavele

Maputo, aos 19 de Novembro de 2010

## Índice

Dedicatória .....	i
Agradecimentos .....	ii
1. Introdução .....	1
2. Problema de estudo .....	4
<b>2.1. Guerra de desestabilização ou Guerra civil?</b> .....	5
<b>2.1.2. Breve contextualização do conflito armado.</b> .....	8
<b>2.2. Pergunta de partida</b> .....	10
<b>2.3. Objectivos</b> .....	14
<b>2.3.1. Objectivo geral:</b> .....	14
<b>2.3.2. Objectivos específicos:</b> .....	14
3. Justificativa .....	15
4. Enquadramento teórico e conceptual .....	19
<b>4.1 Quadro Teórico</b> .....	19
5. Conceitualização .....	19
6. Metodologia .....	28
<b>6.1. Amostra</b> .....	30
<b>6.2. Constrangimentos</b> .....	31
7. Análise dos dados .....	32
<b>7.1. As elites políticas e o discurso do conflito armado</b> .....	32
<b>7.2. O significado do discurso do conflito armado</b> .....	39
8. Considerações finais .....	42
9. Bibliografia .....	44

## **Dedicatória**

Dedico esta tese ao meu querido filho Faheem Leu-Leu que sempre esteve do meu lado acompanhou-me desde o primeiro ano da faculdade até a elaboração da monografia. Mal aprendeu a ler quis sentar-se comigo para ler a monografia e questionava tudo, obrigando-me sempre a uma nova reflexão.

## **Agradecimentos**

Agradeço aos meus pais por me terem dado a oportunidade de poder estudar. Ao meu marido, Munir Leu-Leu que acompanhava-me a biblioteca para o levantamento dos dados pela sua paciência em inalar a poeira dos antigos jornais e a nunca deixar-me desistir. Ao meu supervisor, pela paciência que teve comigo ao longo destes anos. Ao meu cunhado e irmã por me permitirem livre acesso a internet e a sua biblioteca particular, aos meus irmãos Celso e Casimiro por manterem meu computador em dia. Ao PhDr. Cezerilo e PhDr. Lovane (que descanse em paz) por se mostrarem disponíveis a ajudarem-me com a monografia. Ao meu tio Cipriano, pelos livros que me emprestou e pela paciência para ouvir as minhas indagações e por fim aos meus colegas, em especial a Afua Badiate e Fernando Sousa.

## Resumo

Este trabalho faz uma análise do discurso sobre o conflito armado propagado nas campanhas eleitorais de 1994, 1999 e 2004 pelas elites políticas da Renamo e da Frelimo. Para isso, tomamos como base a fundamentação teórica do sociólogo Pierre Bourdieu e do filósofo e historiador Michel Foucault que tratam do processo de construção do discurso político. O objectivo do trabalho é buscar elucidar as razões e os mecanismos discursivos que engendram as falas das elites políticas a respeito do conflito armado. Para tal buscamos suporte metodológico na análise de discurso de Gilberto Martins que nos permitiu desconstruir o discurso sobre o conflito armado e chegar a conclusão de que o discurso em questão é uma estratégia pela qual as elites da Renamo e da Frelimo buscavam conservar o habitus de elite política.

Palavras-chave: habitus e conflito armado

## Abstract

This paper is a discourse analysis on the armed conflict spread in the election campaigns of 1994, 1999 and 2004 by the political elites of Renamo and Frelimo. For this, we take as the theoretical basis of the sociologist Pierre Bourdieu and Michel Foucault philosopher and historian dealing with the construction of political discourse. The aim of the study is to elucidate the reasons and the discursive mechanisms that engender the speeches of political elites about the armed conflict. To this end we seek, methodological support in analysis of discourse Gilberto Martins allowed us to deconstruction the discourse on the conflict and reach the conclusion that the speech in question is a strategy by which the elites of Renamo and Frelimo sought to retain political elite habitus.

Keywords: Habitus, armed conflict.

## 1. Introdução

Nos discursos políticos existem vários imaginários concorrentes em circulação, para o caso de Moçambique existe um imaginário recorrente: o conflito armado. Se a elite política da Frelimo ganhar as eleições a Renamo ameaça pegar em armas e se a elite política da Renamo vencer de acordo com a Frelimo o país não estará mais em paz. O imaginário é o de uma guerra a acontecer.

Usamos a expressão imaginário por considerarmos que os discursos de campanha eleitoral criam sonhos e (ir)realidades falseadas. Sendo os períodos eleitorais os momentos nos quais se encontram os mais variados tipos de discursos. Nesse contexto, alguns discursos são formulados e direccionados para determinado público como o caso do discurso sobre o conflito armado, que opôs a Frelimo e a Renamo durante 16 anos (1976-1992), muito presente nas campanhas eleitorais para as eleições gerais em Moçambique direccionado aos eleitores que viveram de forma (in) directa o conflito armado.

O discurso sobre o conflito armado foi muito presente nas campanhas de 1999 e 2004 ao ponto de serem denominadas as duas campanhas de “agressivas” enquanto que a campanha de 1994 foi denominada de “eleições de reconciliação” pela quase ausência de discursos sobre o conflito armado.

O discurso sobre o conflito armado apareceu nas campanhas para as eleições gerais de 1994 e às subsequentes 1999 e 2004 como um elemento fundamental para a conquista do poder simbólico: poder de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão do mundo e deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo (Bourdieu, 1989:14).

Falou-se do conflito armado, porque foi um acto partilhado entre as elites políticas e eleitores, por ser uma memória colectiva e serve de identidade entre os que viveram o conflito armado. Falar do conflito armado era uma forma de garantir que os eleitores não se esqueceram de que lado estiveram no conflito armado e que tem feito por si esta elite política que apoiaram durante o conflito armado.



Na concepção de Bourdieu (1989), adesão dos eleitores aos discursos sobre o conflito armado não seria outra coisa senão o encontro entre o ter vivido e ouvir contar sobre o conflito armado da boca das elites políticas. Ou seja, o encontro dessas duas histórias não seria outra coisa senão a manifestação da afinidade existente entre as idéias e representações que os indivíduos adquirem ao longo de suas trajectórias sociais e os discursos que se encontram em oferta no campo político.

De realçar que nem todos os partidos podem utilizar o discurso sobre o conflito armado. Isto porque de acordo com Bourdieu (1989), para se tornar um agente social autorizada a falar sobre o conflito armado, um agente social precisa ter por um lado, uma preparação especial: uma formação política numa escola que lhe transmita as directrizes da vida política. E por outro lado, incorporar o habitus político: ser detentor de certos instrumentos de poder como, uma ideologia ou crença que lhe mostre os fins a serem alcançados que o motivem a participar na vida política. Acrescentaríamos para o caso de Moçambique que é necessário ter experiência sobre o assunto de que se fala, mais precisamente ter vivido o conflito armado, senão vejamos quem fala sobre o conflito armado são a Renamo e Frelimo. A experiência e a passagem pelo ritual habilitam as elites políticas a fazerem o discurso sobre o conflito.

Sendo assim, o presente trabalho procurou analisar os discursos das elites políticas da Renamo e da Frelimo durante o período de campanha eleitoral para as eleições gerais. A opção pela análise dos discursos destas elites políticas deve-se ao facto destas, desde a realização das primeiras eleições em 1994 e às subsequentes de 1999 e 2004, terem em determinados momentos da campanha virado os seus discursos para a descrição do que foi o conflito armado, com objectivo de ganhar o sufrágio dos eleitores e consequentemente governar o país durante o período do mandato eleitoral.

Para tal dividimos o trabalho em 8 capítulos:

Os primeiros seis capítulos do trabalho são eminentemente teóricos. Aqui apresentamos: o resumo, introdução, problema de estudo, hipóteses, objectivos geral e específico, justificativa e revisão de literatura, quadro teórico e conceptual e por fim a metodologia.

O sétimo capítulo é dedicado a análise dos dados e no oitavo capítulo procedemos as considerações finais do trabalho, seguido da bibliografia e o cronograma de actividades em anexo.

## 2. Problema de estudo

No presente capítulo propomo-nos a apresentar as concepções do conflito armado de acordo com as elites políticas da Renamo e da Frelimo, para depois procedermos a contextualização do conflito e por fim a justificativa da análise do discurso das elites políticas em campanha eleitoral. A contextualização do conflito nos permitirá entender o porque as elites políticas fazem um discurso em torno do o conflito nas campanhas eleitorais. E por fim apresentamos a questão de partida a hipótese do trabalho, assim como os objectivos do trabalho.

Mas antes de desenvolvermos o problema do estudo gostaríamos de justificar porque chamamos a Frelimo e a Renamo de elite política e não apenas partido Frelimo e Renamo. Usamos o termo elite política, porque estes dois partidos diferem-se dos outros partidos pela sua constituição ambos foram criados em período de crise política, económica, social. A Frelimo durante o período da colonização com o objectivo de libertar o país do jugo colonial e a Renamo com objectivo de libertar o país do jugo da Frelimo na altura guiada pela ideologia socialista.

E como afirma Mateus (1999:15)<sup>1</sup> as elites políticas seriam os membros fundadores dos movimentos de libertação que conduziram lutas de guerrilhas e assumiram o poder nos novos estados. E cujos pais fundadores e principais dirigentes estiveram unidos pelas muitas semelhanças (mesma identidade) dos processos da sua formação como elites políticas.

A capacidade da Frelimo e da Renamo de dirigirem as guerras de libertação e a guerra civil fizeram com que estas se distinguissem dos demais partidos e passassem a ser os principais actores do cenário político nacional a disputarem o poder político.

Pareto<sup>2</sup> diz que as elites são uma classe minoritária que se distingue da maioria pelas suas qualidades excepcionais e que detêm influencia ou poder político. Esta elite divide-se em duas categorias: a elite governamental ou elite política, (estrato superior) a elite política envolve um

---

<sup>1</sup> Para mais informações vide: MATEUS, Dalila Cabrita (1999). A luta pela independência: a formação das elites políticas da Frelimo, MPLA e PAIGCC. Portugal: Inquérito.

<sup>2</sup>Para mais informações vide: Eva Maria & MARCONI, Mariana Andrade (1996). Sociologia Geral, 7ª ed. São Paulo: Atlas.

pequeno número de indivíduos que exercem funções políticas ou socialmente dirigidas numa dada sociedade (op. cit. Braga, 1995) e a elite não governamental, (estrato inferior) que engloba todos os demais componentes das camadas mais ricas ou influentes. Para ele o que conta são as qualidades psicológicas que possibilitam um determinado sujeito a fazer parte da elite.

## **2.1. Guerra de desestabilização ou Guerra civil?**

O conflito entre a Renamo e Frelimo durou cerca de 16 anos. Existe um debate teórico sobre a conceitualização do mesmo estão em causa divergências ideológicas: Guerra de desestabilização ou Guerra Civil é em torno dessas duas categorizações que giram os debates políticos e teóricos no país para adjectivação do uso da guerra que opôs a Frelimo e Renamo.

Há estudiosos que preferem falar em guerra de desestabilização e destacam-se os autores Geffray, Abraham e Nilson e por outro lado, autores como Cahen, Luís de Brito e Chichava preferem falar de guerra civil.

Para Geffray (1991) e Abraham e Nilson (1994) caracterizar a guerra como uma guerra de agressão seria simplista, levando em consideração que nos meados dos anos 80, o movimento de guerrilha, em princípio apoiado pela Rodésia e, depois, pela África do Sul, teve que caminhar por si dentro de Moçambique na busca de sustentabilidade interna, a natureza da guerra sofreu uma mutação: passou de agressão para Civil (Geffray, 1991:12-13). Nessa transformação da natureza da guerra, internamente, o movimento “rebelde” contou com o apoio das antipatias causadas pelo discurso e práxis dos arautos da modernidade socialista.

É interessante notar que, a designação da guerra desta primeira linha é em parte apoiada pelo discurso oficial e os que apoiam incondicionalmente esse discurso. Para o discurso oficial a guerra foi de agressão e de desestabilização, organizada pelos regimes da África do Sul e da ex-Rodésia do Sul, governados por Peter Botha e por Ian Smith, respectivamente. Os dois regimes, consoante o discurso oficial, teriam feito o uso de moçambicanos para, através de uma guerra de

agressão, proceder à desestabilização do país e, assim, inviabilizar o projecto de construção do socialismo em Moçambique.

A segunda posição é defendida pelos estudiosos Cahen (1988), Chichava (2007) e Brito (2008). Para Cahen (1988) a Frelimo apareceu com o conceito de banditismo armado para evocar a rebelião e nunca nos documentos oficiais se falava da Renamo. A Renamo era sempre apresentada como um simples grupo de bandidos, de marginais e assassinos de criação externa que haviam arruinado o país Chichava (2007).

O conceito de bandidos armados cobre uma parte da realidade que pretende negar a natureza política da rebelião dos pro-sul africanos. Esta era insustentável como a Renamo e poderiam ser analisados como um grupo em todo fantoche e de criação externa, enquanto a guerra era vista como “guerra de agressão não declarada”.

No início da guerra civil a Renamo era dependente da ajuda externa da Rodésia e da África do Sul e havia sido criada com fins militares, mas a dado momento da guerra a Renamo superou as expectativas dos seus patrões da Rodésia e da África do Sul, se revelando autônoma e capaz de sobreviver para além do apoio da África do Sul mobilizando uma ampla base social interna devido ao avanço da guerra para o resto de Moçambique o que implicou a sua completa transformação em organização político - militar capaz de gerir as zonas por si conquistadas (Cahen, 1988 e Brito, 2008).

Ainda de acordo com Cahen (1988) a Renamo é certamente um grupo extremamente brutal, mais suas metas contribuíram para a mudança da orientação política (que outra forma obscurece o carácter criminal): o ataque a todos os símbolos monetários, fim do comércio, predominantemente praticado pelos indianos, o ataque sistemático a urbe e a tudo que é estadual. Ou seja a guerra civil, foi uma guerra pela mudança do cenário político, pela recuperação do nacionalismo moçambicano.

E esta segunda posição coincide com a versão defendida pelos actuais líderes do ex-movimento de guerrilha, Renamo. Eles afirmam que a sua luta foi contra o marxismo-leninismo e a

“ditadura” do proletariado - que mais era uma ditadura do partido sobre as maiorias e, principalmente, sobre quem pensasse diferente, acusado de reaccionário. O discurso dos líderes do ex-movimento é consoante com a justificativa ideológica da Guerra Fria, que via os movimentos de orientação socialista, inspirados pela União Soviética, como ditadores e contra os direitos civis e políticos.

É sob a justificativa de contestação do marxismo implantado pela Frelimo, que a Renamo justificou e ainda justifica o recurso à guerra apresentando-a como luta pelo estabelecimento da ordem democrática no país (João Cabrita, 2000: 143) A sua luta, conforme os respectivos dirigentes, foi pelas liberdades civis e políticas que se vivem hoje no país.

Para o nosso trabalho usaremos a expressão conflito armado e explicaremos o porque com base na sua definição e nas causas do conflito armado. De acordo com Etienne, Bloess, et al, (1998:78) O Conflito, é uma expressão de antagonismo entre indivíduos ou grupos para a pesquisa, a posse ou a gestão de bens materiais ou simbólicos (riqueza, poder, prestígio, etc.) sendo o objectivo de todo o conflito a modificação das relações de forças. Os conflitos podem ser violentos e envolvem aspectos afectivos, como conflitos familiares, guerras civis.

Para a contribuição do debate, acima exposto a nosso ver o conflito armado pode ser caracterizado como uma guerra mista, na medida que ela envolveu, de uma forma dialéctica, os dois aspectos. Admitindo que o conflito, na sua fase inicial era de agressão contra o regime socialista, é válido conceber esse conflito como uma Guerra Civil, na qual os aspectos de agressão não desapareceram por completo.

A África do Sul, mesmo tendo diminuído o seu apoio ao movimento de guerrilha, interessava-lhe o desgaste do governo de Moçambique através de uma guerra de agressão com características civis.

Recusando o seu carácter meramente de agressão, para se legitimar como uma guerra civil, também teve de supressumir o momento civil, caminhando para a luta pela democracia, como forma de dar visibilidade à causa das armas. Não é uma simples coincidência histórica que o

término do conflito armado tenha sido na mesma época do fim do regime do “Apartheid” e da queda do regime socialista que marcou fim da Guerra Fria. O conflito passou a ser pelo poder, pois já não havia argumentos para fundamentar a necessidade do conflito.

### **2.1.2. Breve contextualização do conflito armado**

Para o início do conflito armado são apontado varias causas. Para Geffray (1991), a “revolução violenta” e “explosiva” contra a “sociedade burguesa”, acompanhada da expropriação de bens pertencentes aos portugueses moçambicanos e aos radicados em Moçambique, em nome das conquistas revolucionárias, levou a “ressentimentos e frustrações” por parte desse grupo populacional (p.12). Ainda internamente, a causa das armas, acrescenta o autor citado, também estão nas “rupturas sociais e políticas internas das sociedades rurais moçambicanas” (idem, p.13). Pretendendo modernizar Moçambique por meio da socialização do campo, dentro da lógica de destruição da organização da sociedade tradicional, mas justificada como fruto das aspirações populares, a Frente aglomerou as maiorias camponesas nas chamadas “aldeias comunais” (idem, p.13).

A nova organização social que a Frente propunha, sob justificativa de melhor estender as conquistas revolucionárias, teve impactos existenciais nos abrangidos por tais medidas. Deixar o local de residência estabelecido secularmente pelos antepassados e ir juntar-se aos outros grupos nas aldeias comunais, para ser dirigido por um líder da confiança do Partido, significou, para as chefaturas “tradicionais”, a perda de toda prerrogativa política e religiosa. Abandonar as suas casas, legadas pelos antepassados, era o mesmo que desenraizar o bantu, invertendo as suas coordenadas mentais e simbólicas. A incondicionalidade da mudança de residência para se juntar às aldeias comunais, em parte, também atraiu as antipatias internas (Geffray, 1991).

As antipatias internas foram aproveitadas pela ex-Rodésia do Sul. Esta contou com a colaboração dos colonos portugueses, frustrados com a violência revolucionária, para a formação do Movimento de Resistência de Moçambique (MRN), (Geffray, 1991, p.12), apelidado, pelo discurso oficial, de “bandidos armados” (Paul Fauvet e Marcelo Mosse, 2003). Em 1980, com a independência da Rodésia, o MRN foi acolhido pela África do Sul. De uma guerra de agressão,

ela passou a ser “uma guerra civil” (Geffray, 1991, p.12-13). Para o “sucesso” do MRN nessa guerra, ela teve o apoio de alguns dos líderes das sociedades tradicionais que a Frelimo relegou ao desprezo e buscou destituir a respectiva autoridade.

Para o término do conflito armado em Moçambique, em grande parte, contribuiu o abandono do marxismo-leninismo e da orientação socialista por parte da Frelimo (1989), em decorrência da alteração de correlação de forças em nível mundial.

O conflito armado teve o seu termino em 1992 com a assinatura dos Acordos Gerais de Paz (A.G.P.) em Roma entre a Frelimo na altura representada por Joaquim Alberto Chissano e a Renamo por Afonso Dhlakama.

A assinatura do acordo implicou na revisão da constituição de 1975, deste modo o projecto de modernidade socialista da Frelimo, que visava a edificar um Estado-nação moderno socialista, fundamentado nos “princípios universais do marxismo-leninismo”, foi substituído por outro de carácter “liberal capitalista”.

Em substituição aos “princípios universais” do “marxismo-leninismo”, a Frelimo passa a defender que é a sociedade democrática que agora pretende construir, e que a mesma sociedade será orientada pelos princípios universais do socialismo (Frelimo, 1989, art.1).

Embora não admitindo o marxismo, a Frelimo definia-se, a altura da realização do seu V congresso, como partido de Vanguarda (Frelimo, 1989B, p.3), que passa considerar os “interesses do povo e não os de classe ou camada social” (Frelimo, 1988, p.3).

O abandono do marxismo pela Frelimo e, por conseguinte, de Moçambique, também fica evidente na nova Constituição (1990).

O projecto da revisão da Constituição foi elaborado e encaminhado pelo comitê Central do Partido Frelimo à Assembléia da República, ainda no contexto do partido único. No texto da nova Constituição pode-se observar que, desaparece, dos princípios fundamentais do Estado,



qualquer referência à edificação de uma sociedade livre da exploração do Homem pelo Homem, conforme constava nos textos das Constituições de 1975 e 1978, respectivamente. Na nova Constituição é afirmado que o objectivo do Estado é “a edificação de uma sociedade de justiça social e a criação do bem estar material e espiritual dos cidadãos” (Constituição, 1990, art.º 6, b).

O novo ordenamento jurídico apresentava alguns direitos políticos e civis. Com efeito, após quase duas décadas de vigência de partido único, os dirigentes da Frente<sup>3</sup>, admitiam a participação de outros actores sociais na vida política do país, através da formação de partidos políticos. Os cidadãos (ãs) também poderiam manifestar livremente as suas opiniões em espaço público, destituído (a)s do medo de verem no (a) outro (a) um (a) possível representante do poder dirigente, tal como se caracterizou o período em que vigorou o projecto que visava a edificar o socialismo.

Foi no âmbito deste novo ambiente político que foram realizadas as primeiras eleições gerais em Moçambique em 1994 com a participação de 12 partidos. A campanha iniciou no dia 22 de Setembro e terminou no dia 24 de Outubro. Os resultados mostraram que as eleições estavam assentes nos actores principais da guerra: a Frelimo e a Renamo que em conjunto obtiveram mais de 80% dos votos (44% para a Frelimo e 38% para a Renamo). Deste modo, o sistema político moçambicano se estabelecia como bipartidário e tal tendência se manteve nas restantes eleições em análise. Não só esta tendência se manteve, como também a de fazer alusão do conflito armado nas campanhas eleitorais.

## **2.2. Pergunta de partida**

Na fase da pré campanha eleitoral, bem como no decorrer da campanha eleitoral as elites políticas apelam aos eleitores para que vissem e vivessem a campanha eleitoral como um momento de festa. A tónica do discurso era centrada para que se evitassem actos de violência que pudessem manchar o processo em causa.

---

<sup>3</sup> Duas décadas contadas a partir da independência do país em Junho de 1975.

Chissano, “Vamos fazer esta campanha sem lutas e sem brigas. Vamos afastar-nos dos provocadores, da desordem e vamos realizar a nossa campanha em festa mostrando até amor com os nossos inimigos, os nossos vizinhos e amigos” (Noticias, 27/10/99 p. 3).

Porém, chegado o momento da campanha eleitoral os discursos das elites políticas, contradiziam totalmente o apelo “à festa” em campanha eleitoral tão proclamado pelas mesmas elites políticas. Incitando os eleitores a actos de violência e intolerância contra as “vestes” que cada convidado (eleitor/militante) trajava para “à festa”.

Um exemplo disso é demonstrado por Chichava (2007:4) “... Quando a população lhe perguntava sobre as razões pelas quais o custo de vida era elevado Joaquim Chissano naquilo que já constituía o tema central da sua campanha (pelo menos no que diz respeito a Zambézia)”. Respondia sempre com base no conflito armado acusando a Renamo.

Chichava (2007) diz ainda que a campanha da Frelimo em Nampula foi inteiramente dominada pelo tema da guerra civil. Nós acrescentaríamos que a Renamo também fez uso da guerra civil em resposta a Frelimo como forma de mostrar os erros da governação desta e para promover-se como o grupo que trouxe a democracia e capaz de governar Moçambique.

Tornando-se deste modo cada campanha eleitoral a de 1994 e principalmente as subsequentes 1999 e 2004, visto que os discursos permaneceram inalteráveis, num espaço significativo de explicitação do conflito armado e rememoração do ocorrido ... “deixando pairar no ar um cheiro a pólvora, isto é, a vocação da <<morte>> passada e/ou a acontecer pode verificar-se em quase todos os discursos.” (Ossemane, 1999:267).

Creemos que os discursos das eleições de 1994 não foram agressivos porque nestas eleições a Renamo era ainda desconhecida como partido, apenas como movimento que havia iniciado o conflito armado logo, ainda não havia “construído nada” e por seu lado a Frelimo, já era conhecido como movimento que esteve enfrente da luta contra o colonialismo português, e depois como partido que dirigiu o país desde 1975 e por fim como o partido que trouxe a paz com a assinatura dos acordos de Roma em 1992.

Os resultados das eleições<sup>4</sup> de 1994 espelham esse facto, a Frelimo venceu as eleições com 53,30% e a Renamo perdeu com 33,73% uma diferença de quase 20%. Por isso, em 1994 não havia necessidade de se falar do conflito armado. Cada uma das elites sabia que o conflito era algo recente e que os eleitores ainda não haviam esquecido e que no momento de votar pensariam no papel de cada elite no conflito armado.

Em comparação com as eleições de 1999 onde a diferença entre ambas elites foi de 4,58%. A Frelimo venceu com 52,29% e a Renamo perdeu com 47,71%. Nota-se aqui que a elite política da Frelimo havia perdido parte da sua hegemonia ou eleitores a favor da Renamo.

Pode-se dizer que a elite política da Frelimo em 1999 concorria no mesmo pé de igualdade com a elite política da Renamo, pois aquando das primeiras eleições havia definido um programa para os 5 anos e tal programa não foi cumprido ou seja o eleitorado estava descrente da capacidade da Frelimo, e seria natural querer experimentar uma nova governação e a única que se apresentava a altura da Frelimo era a elite política da Renamo.

Sendo recente o fracasso da governação da Frelimo e estando em desvantagem em relação a Renamo (que havia iniciado o conflito armado e tendo sido responsável pelas consequências da mesma e por isso havia sido punido pelo eleitorado com a derrota nas eleições de 1994) que neste momento era uma opção como substituto da Frelimo no governo. E também tendo o povo preocupado com a recuperação do país e não mais com o conflito armado. Não restava outro meio de fazer o eleitorado recuperar a confiança na elite política da Frelimo a não a ser falar do conflito armado e o mesmo também se passou em relação a Renamo, mas no sentido de falar do conflito para ganhar a confiança do eleitorado.

Em 2004, o discurso sobre o conflito armado voltou a tomar conta dos discursos da campanha tanto que a Frelimo venceu com 63,7% e a Renamo perdeu com 31,7%. Deixando claro a recuperação da hegemonia da Frelimo.

---

<sup>4</sup> Os dados das eleições foram retirados da Comissão Nacional de Eleições (s.d). Relatório Final. Maputo: CNE/AWEPA.

As alusões ao facto, fundamentalmente em acusações e descrição dos actos de violência ocorridos durante o conflito, tornaram cada campanha eleitoral num momento de denúncia, acusações e violência física.

Ao falar do conflito armado, as elites políticas não só contrariaram o apelo (de pré-campanha) - “à festa” como incitaram os eleitores a actos de violência entre si. A consequência deste apelo foi a destruição do material de propaganda política, agressões físicas, sabotagem de campanha eleitoral, morte, etc. (AWEPA, 1999).

As elites políticas falaram do conflito armado como se este estivesse prestes a eclodir a qualquer momento.

A respeito destes discursos o filósofo Brazão Mazula afirmou que “ é chegada altura dos partidos políticos encontrarem novos argumentos e estratégias de mobilização convincentes para uma população juvenil, que é a maioria, que pouco se interessa pelos argumentos históricos assentes nos feitos do passado (2006:6).

No entendimento de Bourdieu (1989), os discursos políticos que se encontram em oferta no mercado de bens políticos, são produtos das “lutas simbólicas” que determinados agentes sociais travam entre si no campo político – um sub-espaco específico do espaco social. Nessas lutas, os discursos políticos são produzidos conforme as necessidades internas e conforme as necessidades externas do campo político.

Assim, o carácter de verdade ou a legitimidade de um discurso político dependem não necessariamente de seu conteúdo, mas de seu poder simbólico, portanto, de sua capacidade de conquistar adeptos e de ser por eles aceito como legítimo. E isso só se consegue se a elite política conseguir descobrir o que o eleitor quer ouvir, saber vender ideais.

Por isso, as elites políticas mesmo sabendo que falar do conflito armado desperta nos eleitores actos de violência, fizeram discursos que giram em torno do conflito armado. Isto é feito como se os problemas dos eleitores estivessem ligados ao conflito armado e esquecem que os eleitores

não são apenas os que viveram o conflito armado, mas existem eleitores que nem viveram o conflito armado e se viveram querem esquecê-lo. O que nos leva a elaborar a seguinte pergunta de partida:

Porque as elites políticas da Renamo e da Frelimo elaboram discursos sobre o conflito armado na campanha eleitoral para as eleições gerais?

Como resposta a esta questão de partida, avançamos com a seguinte hipótese:

Elaborar discurso sobre o conflito armado na campanha eleitoral para as eleições gerais é uma estratégia de desqualificação do outro com objectivo de conquistar o maior número possível de eleitores o que possibilita as elites políticas conquistar o poder político.

### **2.3. Objectivos**

Como forma de estabelecer limites para o nosso trabalho definimos como objectivos.

#### **2.3.1. Objectivo geral:**

Analisar os discursos das elites políticas da Renamo e da Frelimo nas campanhas eleitorais para as eleições gerais.

#### **2.3.2. Objectivos específicos:**

Identificar os discursos das elites políticas da Renamo e da Frelimo que se referem ao conflito armado.

Analisar o significado do discurso sobre o conflito armado para as elites políticas da Renamo e da Frelimo.

### 3. Justificativa

No presente capítulo nos propomos a fazer a revisão de literatura das obras existentes sobre o tema em análise e através desta revisão justificar a escolha deste tema e não outro e como este tema poderá contribuir na análise das campanhas eleitorais.

O presente trabalho foi motivado por dois factos, o primeiro foi a constatação dos actos de violência nas campanhas eleitorais em análise motivados pelos discursos que fazem alusão ao conflito armado e o segundo motivo foi a quase inexistência de trabalhos que reflectam sobre o tema.

As elites políticas da Renamo e da Frelimo, nas campanhas eleitorais de 1994 e as subsequentes, tem feito discursos sobre o conflito armado, carregados de conteúdos violentos, belicistas e ameaçadores, o que tem provocado nos eleitores das duas elites actos de violência entre si. Por um lado, temos a elite política da Frelimo que faz um discurso sobre o conflito armado que visa denegrir a imagem da elite política da Renamo, acusando-a das brutalidades cometidas durante o período do conflito. E por outro lado, temos a elite política da Renamo a fazer discursos sobre o conflito como forma de defender-se das acusações da Frelimo e para promover-se como o partido que trouxe a democracia a Moçambique, assumindo seu papel no conflito armado, justificando como um mal necessário para que os eleitores tivessem a chance de eleger seu representante.

Resultados desses tipos de discursos: “cenas de pancadaria e apedrejamento entre jovens da Renamo e Frelimo em especial quando as caravanas de carros se cruzavam. Houve acusações Segundo as quais, muitas vezes, foram os líderes de ambos os lados que incitaram os seus respectivos apoiantes. Nhampassa distrito de Barúe, província de Manica, foi incendiada durante a campanha uma palhota que servia de sede da Renamo. Em retaliação, apoiantes da Renamo apedrejaram um camião cheio de apoiantes da Frelimo no dia 25 de Novembro, estes por sua vez tentaram deitar abaixo a sede recém construída da Renamo. Na noite seguinte num bar local, no meio da bebida, um militante da Renamo e outro da Frelimo andaram a pancada em parte por razões políticas na sequência do incidente da véspera e também por causa de uma mulher; o

homem da Renamo, um desmobilizado da guerrilla, saiu e voltou com uma faca com que agrediu o da Frelimo matando-o etc.” (AWEPA, 1999: 20-21.)

De realçar que na fase da pré-campanha eleitoral e durante a mesma as elites políticas fizeram um apelo a calma a que se vivesse a campanha eleitoral como um momento de festa, porém na prática nada disto foi respeitado, tendo-se transformado a campanha eleitoral num momento de ajuste de contas, de denúncia e brutalidade incentivado pelas elites políticas da Renamo e da Frelimo.

Este comportamento, foi o que nos motivou a analisar os discursos das elites políticas da Renamo e da Frelimo o que permitiu-nos constatar que os discursos sobre o conflito armado dominaram os discursos destas elites nas campanhas eleitorais para as eleições gerais de 1994 e subsequentes.

No que se refere a bibliografia sobre o tema, pudemos analisar Chichava (2007) no seu artigo intitulado “Uma província “rebelde “O significado do voto na Zambézia”. Neste artigo, Chichava faz uma análise dos discursos da Renamo e da Frelimo nas campanhas eleitorais de 1994, 1999 e 2004. O objectivo era tentar explicar de um ponto de vista sócio-histórico as razões pelas quais a Zambézia votou a favor da Renamo mesmo após de tudo que foi dito pela Frelimo a respeito das acções desta durante a guerra.

Para tal ele analisa os discursos proclamados pelas duas elites políticas em Zambézia e verificou que por um lado, os discursos da elite politica da Frelimo foram marcados por alusões ao conflito armado e buscavam denegrir a imagem da Renamo e por seu lado, os discursos da Renamo faziam alusões aos erros de governação da Frelimo logo após a independência e a introdução da democracia.

E mostra também como as elites políticas ao falarem do conflito armado se aproveitam das emoções dos eleitores para serem eleitos. Tanto que afirma que outras regiões do país, Zambézia era o lugar adequado para este gênero de discursos, tendo em conta que foi uma das regiões, mais afectadas pela guerra civil. (Chichava, 2007: 4).

Outras obras por nos analisadas foram as de Hélder Ossemane, no seu artigo “A Guerra das metáforas - o peixe, a morte, o sangue”. O objectivo deste artigo é explicar a taxa de abstenção nas eleições de 30 de julho, usando metáforas.

Contudo, chamamos este artigo no nosso trabalho pelo facto de constatar que as elites políticas fazem apelo a que se viva a campanha de forma pacífica, porém seus discursos contrariavam este apelo à festa “... deixando pairar no ar um *cheiro* a pólvora, isto é, a vocação da << morte >> passada e/ou a acontecer pode verificar-se em quase todos os discursos” (Ossemane, 1999:267).

Ossemane prossegue afirmando “que se por um lado todos afirmam respeitar a tranquilidade e as regras democráticas, mas por outro todos ameaçam de maneira mais ou menos declarada, devemos perguntar se estamos perante paradoxos discursivos ou de complementaridade discursiva, de gafes ou de ambiguidade calculada” (1999: 268).

Ou seja os discursos sobre o conflito armado são uma ameaça a democracia, ao direito dos eleitores votarem livremente, visto que votar em qualquer uma das elites da Renamo ou da Frelimo, significa voltar ao conflito armado.

O último artigo por nos analisado é o da AWEPA (1999), intitulado “Campanha mais agressiva e com alguma violência.” O objectivo deste artigo é observar o comportamento eleitoral nas eleições de 1999. O artigo chega a conclusão que as elites políticas da Frelimo e da Renamo falaram, mais do conflito armado, despertando nos eleitores actos de violência entre si e pouco ou nada falaram sobre seu programa político.

Os artigos acima expostos, não tinham objectivo de analisar o discurso em si, sobre o conflito armado, mas suas análises nos permitiram constatar a influência que este discurso tem sobre os eleitores, o que contribuiu bastante para que decidíssemos analisar estes discursos, mas do ponto de vista de quem os produz, neste caso, as elites políticas da Renamo e da Frelimo.



Justificamos a nossa escolha com base em Bourdieu. Segundo Bourdieu (1989) só é possível compreender os diferentes discursos quando há uma circunscrição de quem os está pronunciando, de onde os está fazendo e qual o seu interesse ao fazê-lo.

O interesse das elites políticas da Renamo e da Frelimo é ganhar as eleições, ter o poder de decidir o destino de Moçambique, de impor sua ideologia e para tal é necessário falar do conflito armado, pelo significado que teve na vida dos eleitores e pelos sentimentos que desperta neles.

Creemos que o trabalho poderá contribuir na literatura existente sobre as eleições, demonstrando que o discurso sobre o conflito armado é usado como forma de obter o sufrágio dos eleitores, explorando o lado emocional.

#### **4. Enquadramento teórico e conceptual**

No presente capítulo nos propomos a apresentar a teoria que orientará o nosso trabalho, os conceitos assim como a operacionalização dos mesmos na realidade em análise.

##### **4.1 Quadro Teórico**

Para a realização do nosso trabalho usaremos a teoria construtivista do sociólogo Pierre Bourdieu e poremos em diálogo com o filósofo e historiador Michel Foucault. Para ambos a entrada no campo político é feita mediante a passagem por um ritual que possibilita aos agentes sociais fazerem certos tipos de discursos que visam a conquista e/ou manutenção da estrutura social.

A teoria construtivista de Bourdieu permite-nos analisar os discursos das elites políticas sobre o conflito armado como uma estratégia de conquista do poder, que não é feito ao acaso e não é dita por qualquer agente social, mas por agentes autorizados.

O construtivismo de Bourdieu (2001) baseia-se na noção de que existem no mundo social estruturas objectivas que podem coagir ou orientar a acção e a representação dos indivíduos, mas com a ressalva essencial de que estas estruturas são construídas e reconstruídas socialmente a cada momento assim como os esquemas de pensamento e acção as quais ele chama de habitus.

Bourdieu analisa o mundo social através de um processo de causalidade circular que articula níveis diferentes da realidade separados pela micro e macro sociologia. Duas noções bem formuladas pelo autor, quando se refere às instâncias que sustentam o mundo social: campo e habitus.

O conceito de campo em Bourdieu (2001), significa um espaço de relações entre grupos sociais com posições sociais distintas que disputam o poder de forma concorrencial entre os agentes sociais. Esta luta deriva da desigual distribuição do capital existente no campo e visa a conservação ou transformação da estrutura social.

Os campos não são estruturas fixas. São produtos da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam (Bourdieu, 2001:129). O que determina a existência de um campo e demarca os seus limites são os interesses específicos, os investimentos econômicos e psicológicos que ele solicita a agentes dotados de um habitus e as instituições nele inseridas.

O campo criado para os moçambicanos pelo colono era o intelectual. Ao criar este campo o colono tinha como interesse perpetuar a dominação colonial usando os jovens nativos escolarizados para influenciar as massas a aceitarem a dominação e coube a igreja católica fomentar este campo. Na mesma altura surge o campo político por influencia das missões protestantes. Neste campo os jovens são dotados de uma postura crítica contra o regime colonial. São os agentes formados pelos protestantes que vão formar a elite política moçambicana, passando deste modo, a ser o campo político o dominante na sociedade moçambicana (Thomaz, 2001 e Silva, 1999).

O direito de entrada no campo é dado pelo reconhecimento dos seus valores fundamentais, pelo conhecimento das regras do jogo, isto é, da história do campo, e pela posse do capital específico (Bourdieu, 2001).

É no campo político onde se gera a concorrência entre as elites políticas que nele se acham envolvidos, é onde se encontram em circulação produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os eleitores que elegem o representante do mundo social (idem).

Os produtos oferecidos no campo político são instrumentos de percepção e de expressão do mundo social, dos seus interesses (ou princípios de di-visão) (Boudieu, 2001:165).

No que se refere ao direito a entrada no campo o filósofo Foucault (1986), diz que os indivíduos devem passar por um ritual, forma de controle de discurso (o que deve ser dito, o proibido e quem deve falar), que define a qualificação que se deve ter, os gestos, os comportamentos e a posição que ocupa na sociedade.

Foucault (1986) prossegue dizendo que este ritual ou efeito de censura fixa também a eficácia, suposta ou imposta, das palavras, o seu efeito sobre aqueles a quem elas se dirigem, os limites do seu valor constrangedor. Passar por este ritual é uma obrigatoriedade que permite adquirir a autoridade para discursar. O que demonstra que a produção dos discursos é regulada, seleccionada, organizada e redistribuída conjugando poderes e perigos.

Bourdieu (2003) concorda que o ritual produz certo tipo de emissores, mas avança ainda que também é necessário que seja produzido um certo tipo de receptores que estejam predispostos a reconhecer a autoridade dos emissores. “É necessário que exista uma relação autoridade - crença, uma relação entre um emissor autorizado e um receptor pronto a receber o que é dito, a crer que aquilo que é dito merece ser dito.” (Bourdieu, 2003:109)

Acrescenta ainda que é necessário também que idealmente os receptores sejam relativamente homogéneos em termos linguísticos; homogéneos em matéria de conhecimento da língua e de reconhecimento da língua, e que a estrutura do grupo não funcione como um sistema de censura capaz de interdizer a linguagem que deve ser utilizada (Bourdieu, 2003). Tal homogeneidade é conseguida graças ao habitus.

Com intuito de legitimar suas posições como agentes sociais capazes de manter a ordem social, as elites políticas da Renamo e da Frelimo por intermédio dos discursos sobre o conflito armado, procuraram por diferentes meios difundir seu papel durante o conflito armado. O objectivo dessa campanha era manter os eleitores como adeptos da sua visão sobre o conflito armado e assim garantir um eleitorado imbuído desses mesmos preceitos.

De acordo com a perspectiva sociológica de Bourdieu, o intuito dessa campanha pode ser visto como tentativa de continuar orquestrando o habitus dessa categoria profissional de acordo com os ditames necessários à preservação do grupo e, conseqüentemente, a sua própria inserção na disputa pela dominação do campo político.

Quando Bourdieu se refere às idéias e representações - sejam elas sistematizadas ou não – que se encontram presentes na subjectividade dos agentes sociais, ele as chama, de um modo geral, de “habitus”, de “história incorporada”; de “predisposições” ou simplesmente de idéias e representações. Assim, para entender a noção de discurso no pensamento de Bourdieu é interessante observar como ele trata das idéias e representações que constituem a subjectividade dos agentes sociais e, em seguida, como ele trata dos discursos.

O conceito de habitus constitui uma das noções fundamentais que compõe a teoria sociológica de Bourdieu. No esquema explicativo de Bourdieu, o conceito de habitus é entendido como sistema de disposições socialmente elaboradas que, “enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (Bourdieu, 1987: 191). O habitus seria a forma pela qual o indivíduo aprecia e age no grupo de que participa, fazendo-se presente nas acções e estratégias que este realiza para se manter ou transformar.

O habitus, por ser regulado segundo a realidade da qual o agente social faz parte, contribui para a participação em realidades objectivas das instituições às quais pertence, permitindo mantê-las em actividade, mas também impor a elas certas revisões e transformações, de modo que continuem activas. Embora o habitus possa ser visto como sistema engendrado no passado e orientado para uma acção no presente, é um sistema em constante reformulação, o que, de certa forma, exige que diferentes estruturas sociais se adaptem segundo as circunstâncias da realidade. O habitus é o produto da experiência bibliográfica individual, da experiência histórica colectiva e da interacção entre essas experiências. De modo que é como habitus que a história se insere no nosso corpo e na nossa mente, tanto no estado objectivado (monumentos, livros e teorias), quanto no estado incorporado, sob a forma de disposições. É mediante este processo que o habitus funda condutas regulares, que permitem prever práticas – “as coisas que se fazem” e as “coisas que não se fazem” em determinado campo (Bourdieu, 2003 e 2001).

Neste sentido, o habitus funcionaria como um elemento que, dentro de certos limites, possibilitaria aos indivíduos elaborarem as suas estratégias de acção. Isto significa dizer que, ao agir, o indivíduo não necessariamente estaria orientando, consciente ou inconscientemente, a sua

conduta conforme as determinações das estruturas objectivas - ideais ou materiais - mas em conformidade com o seu habitus, isto é, com as idéias e representações que adquire ao longo de suas trajetórias sociais nas diversas esferas do espaço social.

Ao perceberem que os eleitores vinham tomando conhecimento da concepção do conflito armado defendida pela elite política da Frelimo, e que assim poderiam abandonar os preceitos defendidos pela elite política da Renamo. A elite política da Renamo lançou mão de diversos meios para se situar no mesmo nível de seus adversários, de modo a se engajarem num mesmo jogo: a disputa pelo domínio do campo político.

Na terminologia de Bourdieu, os empreendimentos discursivos efectivados por esses grupos podem ser considerados como estratégias, isto é, mecanismos pelos quais buscavam conservar o habitus político de seus agentes, pois que o habitus, enquanto produto da história, tende a produzir práticas individuais e colectivas em conformidade com os esquemas engendrados pela história (Bourdieu, 2003), isto é, práticas consoantes com os interesses do grupo para se legitimar no campo em questão.

Para Bourdieu (1990:94), o sistema de estratégias pode ser definido como sequências ordenadas e orientadas de práticas que todo grupo empreende para se produzir como tal. As estratégias são empregadas a fim de que possam se produzir ou se reproduzir, isto é, “criar e perpetuar sua unidade, sua existência enquanto grupo, o que é quase sempre, em todas as sociedades, a condição da perpetuação da sua posição no espaço social.”

A maior parte das estratégias dos agentes sociais é produto de um encontro entre um habitus e um campo.

## 5. Conceitualização

No presente capítulo buscamos discutir o conceito de discurso apresentado por Bourdieu e Foucault, primeiro começaremos por mostrar o processo de produção dos discursos, e segundo apresentarmos comparativamente os conceitos de discurso de Bourdieu e Foucault e por fim justificaremos a escolha do nosso conceito de discurso.

Compreender os discursos para Bourdieu significa por um lado vê-los como inseridos num campo e por outro lado como produto dos agentes em luta pela imposição das suas visões do mundo como as únicas verdadeiras. Segundo Bourdieu (1989) só é possível compreender os diferentes discursos quando há uma circunscrição de quem os está pronunciando, de onde os está fazendo e qual o seu interesse ao fazê-lo.

A noção de ideologia para Bourdieu (1989) adquire as mais variadas denominações. Nessas denominações, a noção de ideologia aparece, de modo alternado, como “sistemas ideológicos”, “sistemas simbólicos”, “representações do mundo social”, “visões de mundo”, “discursos”; “história retificada”, etc. Há que notar, em todas essas terminologias, a noção de ideologia adquire o significado que atribuímos ao termo: sistema de conceitos e proposições que visam explicar o mundo social e que se encontra instituído na exterioridade das consciências particulares.

As ideologias - enquanto sistemas de idéias que visam representar o mundo social e que estão presentes na exterioridade das consciências particulares, são visões relativas do mundo tais quais são os sistemas de idéias e representações religiosos, morais, políticos, etc., inscritos objectivamente nas instituições: religião; direito; partido político; etc. Enquanto ideologia, um discurso político, por exemplo, seria a “história retificada”, “objectivada”, isto é, “a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito, etc.” (Bourdieu, 1989: 82).

A noção de ideologia, como história retificada, torna-se mais evidente se se observa a concepção de Bourdieu (idem) acerca da adesão dos indivíduos às diversas ideologias. Na concepção de

Bourdieu (ibidem), a adesão dos agentes sociais aos diversos discursos político partidários, por exemplo, não seria outra coisa senão o encontro entre a história incorporada e a história rectificadora. Ou seja, o encontro dessas duas histórias não seria outra coisa senão a manifestação da afinidade existente entre as idéias e representações que os indivíduos adquirem ao longo de suas trajetórias sociais e as ideologias que se encontram em oferta no mercado de bens simbólicos.

Uma vez constatado que a noção de ideologia, no sentido que concedemos ao termo, é um componente intrínseco da obra de Bourdieu, cabe observar agora, como, em seu entender, são produzidas essas visões de mundo, ou seja, os discursos políticos partidários.

No entendimento de Bourdieu (1989), os discursos políticos que se encontram em oferta no mercado de bens políticos, são produtos das “lutas simbólicas” que determinados agentes sociais travam entre si no campo político.

É na luta simbólica pela representação legítima do mundo social, pelo que os agentes sociais do campo político produzem os seus discursos políticos.

Nas lutas simbólicas que se desenvolvem no interior do campo político, os agentes sociais produzem os conteúdos de seus discursos políticos atendendo não só às “necessidades internas” do campo político, mas também às “necessidades externas” dos agentes exteriores ao campo, não especializados na tarefa de produzir discursos políticos. Isto significa dizer que os discursos políticos são o resultado tanto das condições sociais dos agentes directamente envolvidos no processo de sua produção, quanto das condições sociais dos agentes externos que seriam os seus eventuais consumidores.

Nas palavras de Bourdieu, as ideologias, ou seja, os discursos políticos, são duplamente determinados: eles “devem as suas características mais específicas não só aos interesses das classes ou das fracções de classes que elas exprimem (...), mas também aos interesses específicos daqueles que as produzem e à lógica específica do campo de produção (...)”, no caso, o campo político (Bourdieu, 1989:13).



Por um lado, na concorrência pelo monopólio de uma representação legítima do mundo, particularmente do mundo social, determinados produtores de visões de mundo - partidos, facções ou militantes - procuram introduzir em seus discursos políticos elementos que permitem “distinguí-los” dos discursos políticos que são produzidas pelos seus concorrentes - os demais partidos, facções ou militantes.

Do lado da Frelimo notamos um discurso “construtor”: a Frelimo construiu escolas, pontes, estradas destruídas no tempo do conflito armado e do lado da Renamo, notamos um discurso “destrutivo – construtor”: o conflito armado era necessário para que se destruísse o socialismo e se implantasse a democracia.

Para Bourdieu (2001) e Foucault (1996) os discursos e seus efeitos são historicamente e socialmente inscritos, o que equivale a dizer que a verdade enquanto tal não existe, ao contrario existem verdades construídas no tecido da história.

Sendo assim, de acordo com Bourdieu,

“o discurso (...) é uma resultante da competência do locutor e do mercado no qual se apresenta o seu discurso; o discurso depende numa medida (que deveríamos apreciar mais rigorosamente) das condições de recepção (2003:104)”.

O conceito acima exposto não se enquadra no nosso trabalho, na medida em que para nós, o discurso sobre o conflito armado não tem muito haver com a competência de quem o emite, mas com o facto de o agente social que o faz ser alguém reconhecido/conhecido pelos eleitores como quem participou do conflito armado o que por si só já garante a boa ou má recepção do discurso por parte dos eleitores.

Foucault na sua obra “A arqueologia do saber” (1986: 139), define o discurso como:

“...um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também das suas condições de apropriação e utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua

existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”) a questão do poder; um bem que é, por natureza o objecto de uma luta, e de uma luta política”

O conceito de Foucault, contém mais dados. Primeiro, deixa claro que o discurso tem tempo de validade e é acessível a poucos agentes sociais. Segundo que o discurso é um objecto de desejo que tem uma utilidade específica com vista a alcançar e por ultimo, que o discurso visa fins políticos.

Para o nosso trabalho, usaremos o conceito de Foucault por consideramos que este se enquandra melhor na análise do discurso sobre o conflito armado feito no trabalho. Ao longo do trabalho, os elementos que compõem o conceito de Foucault são explicados, como as condições de apropriação do discurso, quando falávamos da passagem do ritual que permite ao agente social fazer o discurso; também quando falávamos do uso do discurso sobre o conflito armado apenas nas campanhas eleitorais, etc.

Outro ponto a acrescentar tem haver com o facto de o discurso de acordo com Foucault ser finito. De acordo com Mazula (2006) o discurso sobre o conflito armado está perdendo seu poder de influencia sobre os eleitores, o que dita a necessidade do abandono do discurso sobre o conflito armado e a criação de um novo discurso que tenha mais haver com os novos eleitores.

## **6. Metodologia**

No presente capítulo nos propomos a apresentar a metodologia que orientará a recolha dos dados para o nosso trabalho, assim como a delimitação do universo a ser analisado.

O objectivo deste trabalho é analisar e identificar os discursos das elites políticas da Renamo e da Frelimo nas campanhas eleitorais para as eleições gerais. Teoricamente os discursos sobre o conflito armado foram explorados no que diz respeito as suas origens, o uso no meio político (objectivos e efeito) o que contribuiu para caracterizá-lo como o principal componente na realização da campanha eleitoral para as eleições gerais dos anos em análise.

No que se refere a metodologia de pesquisa foi adoptada a estratégia de estudo de caso, e a técnica de levantamento dos dados adoptada foi a análise de discurso. Elegemos o estudo de caso como método de procedimento pelo facto de esta permitir uma análise profunda, exhaustiva e interpretativa da realidade que se apresenta através do uso da avaliação qualitativa (Gilberto Martins, 2006:9).

A primeira, parte do trabalho consistiu na revisão bibliográfica e a segunda, no trabalho de campo onde fizemos uso da Análise de discurso que consistiu na leitura dos jornais dos períodos das campanhas eleitorais de 1994, 1999 e 2004. A análise de discurso permitiu-nos buscar nas entrelinhas do discurso sobre o conflito armado o acesso ao discurso implícito nele através da percepção da sua historicidade e ou contexto do discurso assim como dos fazedores do mesmo.

A análise do discurso se constitui como uma proposta de interpretar novos métodos de leitura, estabelecendo um conflito entre as diferentes idéias contidas num texto, problematizando-as. Ela tem como objectivo despertar no leitor uma capacidade de desvendar as diversas probabilidades de leitura e interpretação num texto. Convém destacar, também, que não existe um texto desprovido de discurso, pois meras palavras por si não são capazes de garantir significação em um contexto.

De acordo com Martins (2006:55) a análise de discurso parte do pressuposto de que em todo discurso há um sentido oculto que pode ser captado, o qual sem uma técnica apropriada permanece inacessível. Ela permite conhecer o significado tanto do que está explícito na mensagem quanto do que está implícito – não só o que se fala, mas também como se fala. Permite também identificar como se dá a interação entre os membros de uma organização: as manifestações de poder, a participação e o processo de negociação.

Permite demonstrar que o que é lido não é a realidade, mas apenas um relato da realidade propositadamente constituído de determinado modo, por determinado sujeito. Para determinado público ou seja os discursos não são feitos ao acaso, ao se fazer o discurso já se prevê o efeito que causará nos eleitores, tal efeito encontra-se implícito no discurso, para que se identifique torna-se necessário desconstruir o discurso.

Esta desconstrução do discurso só é possível se levar-se o conta o contexto histórico e social em que tal discurso é dito assim como a posição que ocupa o orador na sociedade. Pois “o contexto revela os implícitos”. (Martins: 2006:59)

A análise de discurso coloca-se como uma metodologia eficaz e factível para o trabalho investigativo de desconstrução e reconstrução dos discursos. Ela torna evidente o facto de que o discurso pode funcionar como uma armadura que se presta, a um só tempo, a um papel duplo de defesa e de ataque, conforme as exigências ou interesses da ocasião. (Martins, 2006: 60)

Portanto, a análise de discurso, é o estudo do processo pelo qual o texto foi concebido, a percepção de sua historicidade. Analisar um texto significa distanciar-se de sua forma pronta e terminada e buscar nas entrelinhas dele o acesso ao discurso implícito nele.

Pelas características que o próprio método apresenta a busca incessante pelo oculto, o seu sentido crítico e busca pela verdade, podem levar a quem usa o método a desviar-se do seu objectivo e querer impor aos dados suas opiniões, por achar que já conhece o objecto de estudo. Por isso requer uma revisão constante de todas as fases do trabalho. (Martins, 2006)

## 6.1. Amostra

Os critérios para eleição dos jornais como fonte de colecta dos dados deve-se a três factos. Primeiro, analisar os jornais nos permite discutir o discurso escrito, este fornece uma relativa segurança na medida em que não é facilmente manipulado, uma vez escrito se mantém inalterável por muito tempo, isto é, não sofre alterações constantes como no discurso oral onde a informação vai sofrendo mudanças pela forma como cada um percebe a informação.

Segundo, pelo alcance das mensagens jornalísticas. Elas penetram na sociedade, influenciam pessoas, comovem grupos, mobilizam comunidades através do fornecimento de informações que permitem aos eleitores fazer julgamentos bem informados sobre as elites políticas. E por fim porque a pesquisa sobre as notícias de jornal é um trabalho que contribui para a reconstrução dos factos históricos.

Os jornais escolhidos para a análise foram seleccionados com base na existência ou não de discursos das elites políticas da Renamo e da Frelimo sobre o conflito armado. O trabalho de campo foi feito em duas etapas distintas, na primeira procedeu-se a leitura de todos os jornais dos meses de setembro, outubro e novembro (correspondendo a 45 dias que é o tempo que dura a campanha) altura em que ocorreu a campanha eleitoral de maneira a poder identificar que jornais continham os discursos das elites políticas da Renamo e da Frelimo sobre o conflito armado, e na segunda etapa procedeu-se a recolha dos dados nos jornais seleccionados. O universo dos jornais lidos foi de 123 jornais e destes foi seleccionada a amostra de 24 jornais, nomeadamente: Notícias (17), Zambeze (1), Domingo (5) e Savana (1).

A amostra foi assim constituída porque os discursos se repetiam a cada eleição e os temas permaneciam invariáveis. A Frelimo falava do conflito armado, mais concretamente da destruição das infra-estruturas que haviam deixado o país economicamente atrasado e a Renamo criticava a Frelimo com base no passado colonial assim como na sua actual governação.

## **6.2. Constragimentos**

No que refere a dificuldades, deparamos com a impossibilidade de poder fotocopiar os jornais para anexar no trabalho. O Arquivo Histórico não faz scans e nem cópias dos jornais no novo edifício apenas no antigo, porem os jornais usados para o trabalho se encontravam no novo edifício de onde não podiam sair. Para contornar esta barreira dirigimo-nos a Biblioteca Nacional, onde foi impossível encontrar os jornais. E por fim dirigimo-nos ao Jornal Noticias, onde também não permitiram a fotocopia dos jornais apenas a sua consulta. Tendo nos restado como solução apenas a transcrição dos discursos tendo tido a duração de 1 mês.

## **7. Análise dos dados**

No presente capítulo apresentamos a análise dos dados da pesquisa partindo dos materiais recolhidos no terreno, o objectivo é submeter a hipótese a um teste empírico. Para tal tomaremos em consideração dois pontos com os quais deparamos No primeiro ponto temos a visão do que seja o conflito armado e a construção da imagem das elites políticas tendo em conta o conflito armado e segundo ponto temos o significado do conflito nos discursos.

### **7.1. As elites políticas e o discurso do conflito armado**

Dentro do âmbito político, optamos por analisar os discursos das elites políticas da Renamo e da Frelimo a luz da análise de discurso. No conjunto dos discursos produzidos por estas elites políticas, houve destaque para os discursos que falavam sobre o conflito armado, evocando a memória dos eleitores sobre o ocorrido.

As elites políticas da Renamo e da Frelimo para usar o discurso sobre o conflito trataram de descrever a sua percepção sobre o conflito armado de maneira a criar uma identidade entre elas e os eleitores. Havendo esse reconhecimento do eleitor com o candidato, fica implícita a associação com o herói ou bandido, uma vez que este, “saiu do povo, lutou junto com o povo para tornar Moçambique num país melhor” e está prestes a governar o país.

Para tal a elite política da Frelimo tratou de descrever o conflito trazendo ao de cima os crimes cometidos durante este período, colocando-se como herói atacando a imagem da elite política da Renamo, sendo a Renamo sempre apresentada como um simples grupo de bandidos, assassinos e marginais de criação externa que havia destruído o país durante 16 anos e a Frelimo o partido que se havia encarregado de repor a ordem e a reconstrução do país. Tal descrição ocorreu nas três campanhas eleitorais:

*Joaquim Alberto Chissano* (candidato a presidência) “Quando falamos de mulheres violadas e outras desventradas nos hospitais é falar da Renamo é também falar de escolas, hospitais, postos de saúde e lojas destruídas e queimadas por este movimento. Quando falamos da Renamo,

falamos das agressões rodesianas ao nosso país e falamos igualmente do <<apartheid>> na África do Sul” (Noticias, 24/09/94, p. 3)

*Mariano Matsinhe* “Alcançada a independência, o partido no poder prometeu a construção de um estado e cumpriu, apesar dos inimigos da liberdade nos terem desestabilizado ao moverem uma guerra sem precedentes” (Noticias, 6/11/99 p. 3).

*Felício Zacarias* “ Há outros que falam de que trouxeram a democracia ao país. Os mesmos afirmam que se não forem votados, irão voltar a guerra, mas isso é para intimidar-vos. Por isso não tenham medo votem na Frelimo para continuar com o projecto de desenvolvimento no país. (Noticias, 9/11/04 p. 4)

*Armando Emílio Guebuza* (candidato a presidência). “Vocês todos devem votar na Frelimo, porque a Frelimo é o partido que está convosco nos bons momentos e nos momentos mais difíceis e nós queremos garantir que os próximos cinco anos sejam também de paz, cinco anos onde poderemos continua a circular livremente nas nossas estradas, para os hospitais, para as escolas. Nós queremos continuar em paz e isso só é possível se votarem em mim e na Frelimo.” (Noticias, 21/10/2004. p. 2)

Por seu lado a elite política da Renamo em resposta ao discurso da elite política da Frelimo, tratou de justificar as causas que a levaram a iniciar o conflito armado através da descrição da situação em que os eleitores se encontravam antes do início da mesma e a desmentir as acusações da Frelimo do retorno ao conflito visto que a motivação para o início da guerra era introdução da democracia em Moçambique.

*Afonso Maceta Dhlakama* (candidato a presidência) “Vocês suportaram bombardeamentos do exercito colonial, aceitaram sacrifícios ate a independência, depois, do que receberam como gratificação as aldeias comunais, guias de marcha, nacionalização das vossas casas, tribunais militares em que os juizes eram comandantes que sumariamente podiam executar a quem quisessem” (Noticias, 13/10/94 p. 3).



*Dhlakama* “Eu estou aqui vosso filho, Dhlakama, o homem mais forte deste país, para vos dizer que isso é mentira, votem em que quiserem. Se o administrador estivesse aqui eu iria perguntar-lhe quem vai recomeçar a guerra. Só pode ser a Frelimo (Noticias, 10/10/94 p. 3)

*Gulamo Jafar* (porta voz eleitoral da Renamo União Eleitoral)” A Frelimo já tinha a guerra perdida e quando faltava somente a Renamo entrar na capital do país. Portanto, a paz é obra de ambas as partes e é principalmente devido a paciência e ao cumprimento da palavra dada pelo presidente Dhlakama uma vez que a Frelimo nunca honrou os compromissos do Acordo Geral de Paz.” ( Noticias, 5/11/99 p. 4)

*Dhlakama* “Trouxemos a democracia que a Frelimo não queria. O que a Frelimo anda a prometer é tudo falso, é mentira”. (Noticias, 6/10/94 p. 3)

*Dhlakama* “Dirigi uma guerra durante 16 anos que trouxe a democracia e a paz, a qual consegui mantê-la, cujos méritos os outros é que recebem, enquanto o processo foi conjunto. Isso o que é? Não é fruto de uma experiência.” (Zambeze, 25/11/04. p. 3)

Nestes discursos cada uma das elites políticas tratou de criar sua imagem, com base no conflito armado de maneira a ganhar uma maior adesão dos eleitores e solidificar a credibilidade política para dirigir Moçambique. O conflito armado serviu de base, por ser um acontecimento partilhado entre as elites políticas da Renamo e da Frelimo assim como os eleitores onde a elite política da Renamo e da Frelimo foram protagonistas.

Era necessário definir a sua visão sobre o conflito armado. A visão mais apropriada sobre o conflito armado permitiria ao grupo ocupar legitimamente a posição dominante. Nesse tipo de disputa, o que é percebido como importante e interessante pelo grupo é o que tem chances de ser reconhecido como importante e interessante pelos eleitores (Bourdieu, 2003). Contra a elite política da Renamo, as formulações discursivas da elite política da Frelimo tiveram que ser articuladas para mostrá-la como o grupo mais relevante e, ao mesmo tempo, para desqualificar o oponente. Para isso, seus representantes precisaram re-significar o conflito armado de acordo com seus interesses no momento, que eram ganhar as eleições.

Com intuito de legitimar sua posição como instância primeira a conduzir os meios e fins do estado (governa desde a independência em 1975), a elite política da Frelimo, por intermédio dos discursos sobre o conflito armado, procurou por diferentes formas difundir o papel da elite política da Renamo durante o conflito armado. O objectivo desse discurso era manter os eleitores como seus adeptos e assim garantir que estes votariam em si.

*Eduardo Wihia* “Eu sei que vocês odeiam aquele que destruiu as vossas famílias, queimou vossas machambas e hoje está connosco, mas não atirem pedras para ele é só não votarem nele” (Noticias 19/10/94 p.3)

*Chissano*. “Esses que dizem que vão fazer mudanças, sabemos já que querem dizer, são os mesmos que mudaram os postos de energia para ficarem deitados, viraram viaturas para ficarem de rodas para o ar e mudaram escolas, hospitais, fábricas e pontes para ficarem em escombros, e é assim que eles falam agora em mudar, querem destruir de novo aquilo que conseguimos em apenas cinco anos.” (Domingo, 21/11/99. p.3)

*Edson Macúacua* “Como deve saber Dindiza e Nhamala eram em tempos de guerra retaguardas seguras da Renamo. Hoje essas zonas estão sob domínio total e completo da Frelimo. E hoje, os destruidores da pátria surgem como país ou padraos da democracia e a pedir voto de quem deceparam partes do seu corpo. De quem destruíram as suas casas, escolas, hospitais, de quem assassinaram os seus famílias, enfim...de quem atrasaram a vida”.(Noticias 9/11/99 p. 4)

*Guebuza* “A outra coisa fundamental é agarrar a paz. é agarrar esta paz pelas mãos. A Guerra é uma coisa terrível, muito difícil e complexa que passou por este país durante 16 anos em que até queria nos desacreditar como um povo e vocês tem a responsabilidade de agarrar a paz que foi conquistada desta Guerra. Eu já não gostaria de imaginar que volte a Guerra em Moçambique.” (Noticias 13/10/04 p. 2)

Por seu lado a elite política da Renamo ao perceber que o eleitorado vinha tomando conhecimento do que foi o conflito armado defendido pelo grupo rival, e que assim poderia

abandonar os preceitos defendidos por si sobre o mesmo, e, conseqüentemente, confrontar-se com o seu poder lançou mão de diversos meios para se situar no mesmo nível de seus adversários, de modo a se engajarem num mesmo jogo: a disputa pelo domínio do campo político.

*Dhlakama* “Dizem que a guerra fez isto, a guerra mata. Moçambique ficou atrasada por causa dela. Sim temos que reconhecer que era preciso haver guerra para que os comunistas aceitassem a democracia”. (Domingo. 26/11/1999.p. 2)

De acordo com a perspectiva sociológica de Bourdieu, o intuito desse discurso pode ser visto como tentativa de continuar orquestrando o habitus dessa categoria política de acordo com os ditames necessários à preservação do grupo. Desta forma, os eleitores deveriam ser preservados de possíveis influências das propostas de cada uma das elites políticas.

Sendo habitus uma estrutura possível de reestruturação, na disputa travada entre elite política da Renamo e elite política da Frelimo, ambas elites viram a necessidade de denegrirem a imagem de cada uma delas, através da troca de acusações sobre seu papel durante o conflito armado.

*Guebuza* “As mesmas pessoas que andam aí a bater nas casas das pessoas na calada da noite sob o pretexto de pedirem votos não só destruíram a linha Sena, como também puseram em ruínas as infra estruturas sociais que existiam na vila do distrito “ (Domingo, 31/10/04 p.3.)

*Dhlakama* “Há pessoas que mataram os nossos irmãos que estão impunes e nós sabemos, mas que circulam impunemente pelo país porque gozam das facilidades que lhes são proporcionadas pelo partido Frelimo.” ( Savana, 5/11/04 p. 14)

O objectivo destes discursos era denegrir a imagem do outro perante os eleitores. O discurso da Frelimo buscou desqualificar a Renamo apresentando-a como a responsável pela situação econômica, política, social, etc., em que o país se encontra. Deixando toda a responsabilidade do conflito sobre a elite política da Renamo, apresentado-se a Frelimo como uma vítima do processo.

O discurso da Renamo foi de afirmação, assumindo os danos provocados pelo conflito, mas justificando que os mesmos eram necessários para que Moçambique fosse um país democrático.

Somente assim, definindo seu papel e falando do conflito armado, as elites políticas poderiam continuar participando da disputa pela dominação do campo político e conservar o eleitorado como seu adepto e, conseqüentemente, imbuir a população de preceitos necessários à conservação das elites políticas da Frelimo e da Renamo no âmbito da política, isto é, desenvolver na população disposições duráveis para apreciar e agir como agente do grupo político.

O discurso sobre o conflito é feito a fim de que o eleitor crie seu julgamento, sua concepção, sua imagem acerca da elite política. Dessa maneira, o discurso da campanha eleitoral busca convencer o eleitor através da emoção. Está implícito no discursos da Frelimo, que votar na Frelimo é garantia de manutenção da paz, da continuidade no desenvolvimento económico e social do país, tanto que nos seus discursos fala-se do que foi destruído pela Renamo durante o conflito e do que Frelimo construiu. Deixando claro a falta de experiência da Renamo em governar Moçambique e enaltecendo o papel destruidor da Renamo durante o conflito. Por isso votar na Renamo seria um retorno ao conflito armado ou seja, equaciona-se Frelimo+voto=Paz e Renamo+voto=Conflito Armado.

*Isabel Nkavandeka* “Os feitos da Frelimo na libertação do país do regime colonial, o desenvolvimento económico que teve interrupção por razões sobejamente conhecidas, com vestígios bem patentes e, sobretudo os feitos da Frelimo após a realização das primeiras eleições gerais, onde os programas de governação são notórios, continuam válidos, por isso não há melhor mensagem que evocar isso nas mensagens que levamos as populações” ( Notícias13/11/99 p. 4)

Chissano. “É por isso que temos muitas pontes e estradas que tinham sido destruídas pela Renamo já reconstruídas. Estas e outras acções queremos concluir nos próximos cinco anos, e

isso não pode ser feito por pessoas que não tem experiência e passaram a vida a destruir. Isso só será possível com o governo de Chissano.” (Domingo, 24/10/99. p. 2)

E do lado da Renamo, notamos que votar na Renamo é garantia de mudança. Esta implícito nos discursos da elite política da Renamo o aspecto no qual o país está numa situação desfavorável ao quotidiano dos habitantes e de que uma nova história poderá ser escrita através do voto consciente na elite política da Renamo. E pode-se fazer uma leitura do governo da elite política da Frelimo, que durante os seus mandatos não pude garantir o acesso a educação e a cuidados médicos a todos os cidadãos. Com isso, votar na elite política da Renamo seria trazer mudança e melhorias e na Frelimo seria continuar a ver as necessidades básicas não satisfeitas.

*Dhlakama* “A Frelimo ao dizer que não construiu hospitais por causa da Renamo, não formou pessoas. A Renamo durante a guerra entrou e atacou esta cidade? A Renamo nunca ocupou a cidade de Maputo, mas nos hospitais ha falta de tudo. Não há medicamentos e a Renamo nunca esteve em nenhuma cidade.”(Domingo, 16/10/94. p. 7)

Dhlakama “votem em mim, vou mudar a vossa vida não haverá assalto á mão armada, não haverá assassinatos não esclarecidos. (Noticias 9/11/04 p. 3)

*Dhlakama* “Cada dia que passa a Frelimo arranja palavras para esconder a sua incapacidade de governar. Ontem era o futuro melhor, ora a força da mudança ou a guerra colonial, outras vezes a guerra dos 16 anos. ( Noticias 16/11/04 p. 3)

## **7.2. O significado do discurso do conflito armado**

Para a Frelimo era importante falar do conflito armado porque durante este período foram cometidas varias atrocidades, imputadas a Renamo, contra os eleitores: como assassinatos, destruição de suas habitações, de vias de acesso, de edifícios hospitalares, educacionais e do governo. Havia falta de tudo, de emprego, de medicamentos, de alimentação, de segurança, etc. E os eleitores ainda guardam na memória as atrocidades sofridas durante o conflito armado.

Para a Renamo falar do conflito armado na campanha eleitoral, era uma forma de lembrar os eleitores da situação que viviam com a Frelimo durante o socialismo, onde foram obrigadas a abandonar suas casas para viver em aldeias comunais, a falta de liberdade para poder decidir sua vida: onde morar, opinar, etc. Era também uma forma de mostrar as falhas do governo da Frelimo durante o seu mandato.

Por isso os discursos das elites políticas durante a campanha eleitoral eram de cunho belicista e intimidatório. O objectivo destes discursos é garantir que os eleitores vão votar neles tendo em conta seu papel durante o conflito armado, por isso nos discursos fala-se mais dos aspectos negativos da guerra. Vejamos, nos discursos da elite política da Frelimo as temáticas abordadas foram paz em oposição a guerra; da construção em oposição a destruição. Esta oposição refere-se a elite política da Renamo, mas também ao que pode acontecer caso a elite politica da Frelimo não seja eleita. Do lado da Renamo, notamos uma relação de causa efeito, conflito armado leva a democracia; Frelimo leva a pobreza, Renamo leva a mudança. Deixando claro que votar na Frelimo é continuar a sofrer.

Falar do conflito armado nos discursos permite a Frelimo ser vista como uma vitima e esse reconhecimento da vítima pelos eleitores está condicionado à diminuição do crédito do responsável pelo conflito armado, neste caso a Renamo. E para a Renamo falar do conflito armado é ser visto como um herói que salvou os eleitores do socialismo e também é uma oportunidade para expor as falhas do governo da elite política da Frelimo.

*Dhlakama* “votem em mim, vou mudar a vossa vida não haverá assalto á mão armada, não haverá assassinatos não esclarecidos”. (Noticias 9/11/04 p. 3)

*Dhlakama* “Cada dia que passa a Frelimo arranja palavras para esconder a sua incapacidade de governar. Ontem era o futuro melhor, ora a força da mudança ou a guerra colonial, outras vezes a guerra dos 16 anos”. ( Noticias 16/11/04 p. 3)

*Pascoal Mocumbi* “destruir é também uma mudança, mas uma mudança para o pior. Há pessoas que hoje dizem que querem mudanças. Haviam destruído todas as escolas, os postos de saúde, estradas, pontes e outras infra-estruturas, mas nós reconstruímos. Portanto, mudamos as coisas para o melhor.” (Noticias 28/10/99 p.3).

O objectivo principal destes discursos é criar insegurança nos eleitores em relação a situação de paz que se vivia, era obrigar os eleitores a votarem correctamente, sob a ameaça de um retorno ao conflito armado ou como afirma Ossemane “deixando pairar no ar um cheiro a pólvora, isto é, a vocação da <<morte>> passada e/ou a acontecer pode verificar-se em quase todos os discursos (Hélder Ossemane, 1999:267) ” E do lado das elites políticas falar do conflito armado tinha como objectivo, do lado da Frelimo perpetuar sua legitimidade como único capaz de governar Moçambique e do lado da Renamo conquistar legitimidade para concorrer e governar Moçambique.

E só tem sentido falar do conflito armado no campo político e durante a campanha eleitoral para as eleições gerais, porque é único campo onde a população participa massivamente e tem um papel chave, ela é que decide quem vai governar o destino do país. E é o momento em que as elites políticas criam condições de estar mais próximos dos eleitores: cremos que devido ao tempo de duração da campanha, cerca de um mês e meio; maior volume de capital económico. O que permite deslocações a todas províncias e distritos do país, para poder mobilizar maior número possível de eleitores o que demonstra que o discurso é um bem finito, limitado, desejável e útil (Foucault, 2001).

Este é apenas usado pela elite política da Frelimo e da Renamo, porque eram naquela altura os dois grupos em oposição, que estiveram envolvidas no conflito armado junto com as populações, o que lhes dá legitimidade para falar do conflito armado e sendo assim são os únicos que conhecem os factos e têm a chance de poderem reescrever a história de acordo com seus interesses no momento ou seja o discurso sobre o conflito armado de acordo não seria outra coisa senão o encontro entre a história incorporada e retificada Bourdieu (1989).

Na terminologia de Bourdieu, estes empreendimentos discursivos efectivados por essas elites políticas podem ser considerados como estratégias, isto é, mecanismos pelos quais buscavam conservar o habitus de elite política, pois que o habitus, enquanto produto da história, tende a produzir práticas individuais e colectivas em conformidade com os esquemas engendrados pela história (Bourdieu, 1983), isto é, práticas consoantes com os interesses do grupo para se legitimar no campo em questão.



## **8. Considerações finais**

O campo político é um campo de lutas entre elites políticas para impor sua visão sobre o mundo com vista a alcançar o poder e o momento mais alto desta luta é na campanha eleitoral, onde os eleitores fazem a escolha do seu representante. Para tal, as elites políticas elaboram discursos, ferramenta essencial da campanha, pois é através dele que as elites políticas expõem suas visões de mundo e fazem uso de diversas estratégias com vista a conquistar os eleitores.

As conclusões levantadas através da argumentação foram de grande importância para a formação de um conhecimento acerca dos fundamentos da análise do discurso das elites políticas em campanha eleitoral. Tendo como base as noções de discurso e habitus, propostas por Bourdieu, e o processo de construção do discurso e desconstrução proposta pela Análise de Discurso de Martins, foi possível através destes formular questões acerca dos discursos das elites políticas da Frelimo e da Renamo e também levantar hipótese sobre o que realmente estava sendo abordado nas campanhas eleitorais para as eleições gerais.

O discurso sobre o conflito armado teve um papel chave na campanha eleitoral das elites políticas da Frelimo e da Renamo para as eleições gerais de 1994, 1999 e 2004, devido ao facto de este ter sido vivido pelas elites políticas junto com o eleitorado, ou seja, é uma memória colectiva, pelo impacto que causou na vida dos eleitores e por ter uma influencia directa sobre o comportamento dos eleitores.

O conflito armado, permitia a elite política o direito de participar do campo político e de ser eleito. Com o uso dos jornais, mais eleitores poderiam ter acesso a estes discursos e influenciados. O uso do conflito armado não se fez notar nas primeiras eleições em 1994, neste ano a Frelimo tinha a hegemonia garantida, era um partido já conhecido deste 1975 e a Renamo era desconhecida, seu reconhecimento devia-se ao conflito armado e esse facto se fez notar nos resultados onde a elite politica da Frelimo venceu a da Renamo com uma diferença de 20%. Em 1999 já com um mandato parcialmente cumprido e tendo a elite política da Renamo como o adversário substituto e mostrando as falhas da anterior governação, eis que ressurge o discurso

sobre o conflito armado de forma agressiva e desqualificante do lado da Frelimo e do lado da Renamo de forma afirmativa. A elite política da Frelimo precisava manter sua hegemonia e a elite política da Frelimo conquista-la, por isso esta campanha foi agressiva.

Ao aplicar os conceitos de Bourdieu à análise do discurso político das elites políticas, busca-se elucidar o sentido das estratégias discursivas pelas quais as elites políticas definiram as concepções do conflito armado. Seu objectivo maior era o de se legitimar perante os eleitores, de modo que estes não os abandonassem na hora de votar.

Nessa perspectiva, pode-se considerar o discurso sobre o conflito armado como um efectivo mecanismo de manutenção do poder, pois era proclamado de modo a ser incorporado e conservado pelos eleitores. A linguagem, assim, consistiria num instrumento de dominação. Os eleitores sendo dominados pelas elites políticas, devido a não conhecer os códigos de poder, e por ora reconhecerem-se no perfil de quem os proclama.

## 9. Bibliografia

ABRAHAMSSON, Hans, NILSSON, Ander (1994). Moçambique em Transição. Um estudo da História de desenvolvimento durante o período 1974-1992. Gotemborg-Maputo: Padrigu-CEEI-ISRI.

AWEPA (2000). Frelimo e Chissano ganham. Tribunal supremo rejeita protesto da Renamo...Boletim sobre o processo de paz em Moçambique nº 24. Maputo: AWEPA.

BOURDIEU, Pierre (1987). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

\_\_\_\_\_ (1989). O poder simbólico. Lisboa: Difel.

\_\_\_\_\_ *Lições da Aula: aula inaugural proferida no Collège de France em 23 de abril de 1982*. São Paulo: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_ (2003). O que quer dizer falar. **In** Questões sociológicas. Lisboa: Fim do Século.

Cahen, Michel.(1988). Nationalisme. La crise du nationalisme. In Politique africaine, nr. 29.

Cabrita, João M (2000). Mozambique: The tortuous Road to Democracy. New York: Palgrave.

CHICHAVA, Sérgio ( 2007). Uma província “Rebelde” o significado do voto na Zambézia. Conference paper nº 08.Maputo: IESE.

ETIENE, Jean; BLOESS, Françoise, et. al. (1998). Dicionário de Sociologia. Lisboa: Plátano.

FAUVET, Paul e MOSSE, Marcelo. (2003) *É proibido pôr as algemas nas palavras*. Carlos Cardoso e a revolução moçambicana. Maputo: Ndjira.

Frelimo (1988). Projecto de teses ao 5º Congresso. Maputo: Partido Frelimo.

Frelimo. (1989) Estatutos e programas do Partido FRELIMO. Maputo: Partido FRELIMO, coleção 5º Congresso.

FOUCAULT, Michel (1986). A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense.

\_\_\_\_\_ ( 1996) A ordem do discurso. São Paulo: Loyola.

GEFFRAY, Christian (1991). *A causa das armas*. Antropologia de uma guerra contemporânea em Moçambique. Porto: Afrontamentos.

MARTINS, Gilberto de Andrade (2006). Estudo de Caso, uma estratégia de pesquisa. Sao Paulo: Atlas.

OSSEMANE, Hélder (1999). A Guerra das metáforas - o peixe, a morte, o sangue.

THOMAZ, Ribeiro Omar (2001). Contextos Cosmopolitas: missões católicas, burocracia colonial e a formação em Moçambique. **In.** Estudos Moçambicanos nº 19. Maputo: CEA

SILVA, Teresa Cruz e (1999). A missão Suiça em Moçambique e a formação da juventude: a experiência de Eduardo Mondlane (1930-1961). **In.** Estudos Moçambicanos, nº 16. Maputo: CEA/UEM

## Cronograma de actividades

Nº	Actividades	Meses	Locais
01	Composição do projecto, objectivos, hipóteses	Outubro/09	Arquivo histórico, CEA e ISCTEM
02	Colecta dos dados	Dezembro/09	Arquivo Histórico
03	Apresentação da primeira parte do projecto	Janeiro/10	ISCTEM
04	Correção do projecto e recolha dos dados	Fevereiro	Arquivo Histórico
05	Composição da parte teórica e metodológica	Março e Abril	Não definido
06	Colecta de e interpretação dos dados	Maio	Arquivo histórico, Jornal Notícias
07	Entrega da primeira versão final do projecto	Junho	ISCTEM
08	Rectificação do projecto e entrega ao supervisor	Junho	ISCTEM
09	Entrega da versão final	Outubro	UEM